

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

### **A PRESERVAÇÃO E AMEAÇA À FACE E AS ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ EM ENTREVISTAS DA MÍDIA IMPRESSA**

*Natalia Muniz Marchezi* (UFES)  
[natalia\\_marchezi@hotmail.com](mailto:natalia_marchezi@hotmail.com)

#### PARA INTRODUIZIR

A entrevista é um gênero que, para se realizar, precisa de, pelo menos, dois indivíduos, cada um com um papel específico: o entrevistador, que é responsável pelas perguntas e o entrevistado, que é responsável pelas respostas. Sendo assim, a entrevista representa, sem dúvida, uma atividade conversacional, constituindo-se, portanto, numa interação.

Como em toda interação há o desejo de construir perante os outros uma imagem favorável de si próprio, as entrevistas constituem-se como um espaço de confronto, já que é impossível controlar a imagem que um participante faz do outro. Essa impossibilidade acarreta uma desconfiança, que faz com que os participantes se sintam ameaçados uns pelos outros. É esse sentimento de ameaça que caracteriza os conflitos que podem ocorrer entre entrevistador e entrevistado. Em alguns casos, o objetivo do entrevistador é exatamente o de “desmascarar” o entrevistado.

De acordo com Fávero e Andrade, em uma entrevista “entrevistador e entrevistado têm a tarefa de informar e convencer o público. Desempenham, portanto, um duplo papel na interação: são cúmplices, no que diz respeito à comunicação; e oponentes, quanto à conquista desse mesmo público”. Dessa forma, as entrevistas tendem ora para o contrato ora para a polêmica, constituindo-se em um excelente objeto de análise.

#### *1. O conceito de face*

Goffman foi um grande estudioso da interação social. Segundo ele, todos os indivíduos são atores, que atuam para viver em sociedade e, desse modo, em todo e qualquer encontro social, cada pes-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

soa tem um comportamento específico para aquela situação e tende a por em ação sua linha de conduta. Essa linha de conduta caracteriza-se por atos pelos quais o falante expressa sua visão da situação. Para Tavares (2007, p. 28) “é através dessa visão que nos percebemos e somos percebidos e é esse modo de percepção que levamos em consideração ao interagirmos com os outros em um contexto dinâmico”. Em cada contexto, os participantes representam seus papéis e estão, constantemente, envolvidos no processo de construção de suas imagens (faces).

Erving Goffman afirma que todo indivíduo possui uma face, que é definida por ele como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico.” (1980, p. 77). Sendo assim, para manter as relações sociais entre os interlocutores é importante ser amigável, cortez, discreto, solidário, educado, já que todos os indivíduos, em qualquer situação comunicativa, tem a necessidade de manter o valor positivo de sua face.

Partindo da noção de face de Goffman, Brown e Levinson (1987) propõem uma distinção entre face positiva e face negativa. A *face positiva* está relacionada à necessidade de aceitação do indivíduo, o desejo de ser aprovado, aceito, apreciado pelos parceiros da atividade comunicativa. Já a *face negativa* diz respeito ao desejo de auto-afirmação, de não sofrer imposições e de ter liberdade de ação, estando assim relacionada à reserva de território pessoal e à necessidade de ser independente.

Desse modo, os indivíduos não possuem somente uma face. Esta poderá constituir-se como positiva ou negativa e o que irá estabelecer essa diferença é o desejo do indivíduo de ser aceito, alcançar uma meta planejada, ou ainda, obter um prestígio social.

A face positiva é elaborada quando a interação ocorre com indivíduos pelos quais se quer bem e se dedica respeito. A sociedade exige constantemente a apresentação de uma face positiva, já que existe uma valorização da imagem cada vez maior e o constante desejo de construção de boas relações. Os indivíduos estão se expondo cada vez mais e a manutenção de suas faces deve se dá por meio da constituição de uma face positiva no momento da interação social,

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

visto que a apresentação de uma face negativa comprometeria o bom desempenho da interação.

A face negativa, ao contrário da positiva é a face que o indivíduo não quer expor, para que sua imagem não seja distorcida. Essa face representa a revelação da intimidade do indivíduo. Isso, geralmente, acontece em ambientes familiares, no qual as relações acontecem mais naturalmente. Porém, existem casos em que a exposição da face negativa acontece em ambientes menos íntimos, o que prejudica a interação, já que para consolidar e manter a harmonia da interação é preciso evitar esse tipo de face.

Em resumo, para Brown e Levinson (1987), face é algo em que há investimento emocional e que pode ser perdida, mantida ou intensificada e tem que ser constantemente cuidada numa interação. Desse modo, sempre há uma construção que exige medidas para a manutenção, preservação e salvação da face que foi construída.

### *2. A polidez linguística*

O ser humano é um ser que vive em grupo e que quando rompe, por alguma razão, as relações com os outros membros do grupo, pode ficar mal visto pela comunidade em que vive. Fato que pode atrapalhar sua relação com os outros indivíduos. É por isso, que nas interações linguísticas, a maneira que se dá a relação entre os interlocutores é mais importante do que a informação estrita dos fatos. Para fundamentar essa ideia, tem-se, baseada nos estudos de Goffman acerca da noção de face, a Teoria da Polidez, elaborada em 1987, por Brown e Levinson.

Para a pragmática linguística, a polidez diz respeito à eficácia das relações interpessoais através da linguagem. Diante disso, polidez pode ser definida como o esforço empreendido para mostrar preocupação com a própria face e com a do outro. Estando assim, relacionada com a distância e a proximidade, que, por sua vez, estão intimamente vinculadas ao poder e à solidariedade. Em resumo, ser polido, significa respeitar o outro, estando sempre atento a todos esses fatores (distância, proximidade, grau de amizade, poder) que antecedem o ato comunicativo (o que de fato vamos comunicar) e que influenciam não só o que é dito pelo falante, mas também em como ele

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

interpreta e é interpretado. Ou seja, muito mais do que se diz é comunicado.

Para Brown e Levinson, a polidez é um dos elementos essenciais da vida social humana e, portanto, uma condição necessária para uma cooperação linguística eficaz. Desse modo, é sem dúvida, instrumento de construção, manutenção e preservação de face.

### *3. A preservação e ameaça às faces*

Por ser uma atividade puramente interacional, uma conversa exige a relação dentre, no mínimo, duas pessoas. Goffman (1980), que se dedicou aos estudos interacionais, afirma que, além de construir e manter sua face (orientação *defensiva*), todo indivíduo deve respeitar e não ameaçar a face do outro (*orientação protetora*). E, de acordo com Tavares (2007, p. 29),

Poder e prestígio são fatores determinantes nesses casos, pois normalmente tem-se maior consideração por aqueles que são mais poderosos, e, marcando a bilateralidade do processo, o mais poderoso pode ser também o mais ameaçador.

É importante salientar que existirão práticas exclusivamente protetoras e práticas exclusivamente defensivas, ainda que, em geral, as duas tendam a coexistir, pois ao tentar salvar a face do outro é preciso estar atento para não perder a própria face e vice-versa.

Além das práticas defensivas e protetoras, também é necessário que os participantes de uma interação tenham tato, o que contribui na manutenção do processo interacional. O falante deve ser sensível às insinuações e estar disposto a aceitá-las, objetivando salvar e manter o equilíbrio da conversação.

É claro que isso nem sempre acontece, o que, evidentemente, prejudica a interação e contribui para que aconteçam novos atos que ameacem a sua face e a dos outros participantes. Marcuschi (1989, p. 284) apresenta um resumo de atos que ameaçam as faces: 1. *atos que ameaçam a face positiva do ouvinte*: desaprovação, insultos, acusações; 2. *atos que ameaçam a face negativa do ouvinte*: pedidos, ordens, elogios; 3. *atos que ameaçam a face positiva do falante*: auto-humilhação, auto-confissões; 4. *atos que ameaçam a face negativa do falante*: agradecimentos, excusas, aceitação de ofertas.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

Para Brown e Levinson (1987), em um contexto interacional, qualquer participante tentará evitar esses atos de ameaça ou contornar a situação, através de estratégias de negociação da imagem, minimizando suas ameaças, caso as tenha cometido e salvando suas faces, caso tenha sofrido algum tipo de ameaça.

Segundo eles, o indivíduo pode cometer ou não uma ameaça. Quando o ato ameaçador acontece, este pode ocorrer de duas maneiras distintas: aberta ou fechada. No ato aberto, o indivíduo tem a intenção de cometer a ameaça, que pode acontecer com atenuantes ou sem atenuantes. Um ato sem atenuantes é uma ameaça da forma mais direta, clara e concisa possível. Nesse tipo de ato o falante não teme a reação do ouvinte.

Já um ato com atenuantes é aquele em que o falante demonstra que a ameaça não tem a intenção de prejudicar o ouvinte. O falante pode demonstrar isso através da *polidez positiva* ou da *polidez negativa*.

Nas estratégias de polidez positiva, o falante demonstra respeito e admiração pelo ouvinte. Já nas estratégias de polidez negativa, o falante evita ultrapassar os limites e respeita o território do ouvinte. Nas estratégias fechadas ou *polidez indireta*, o falante quer realizar uma ameaça, mas deseja não se comprometer. Para isso, realiza um ato comunicativo de forma que não seja possível atribuir uma clara intenção para o ato. O falante age de forma indireta e deixa que o ouvinte interprete à sua maneira.

A escolha de apenas uma dentre as cinco estratégias disponíveis não é feita de maneira aleatória. Segundo Tavares, as vantagens que cada estratégia oferece e as circunstâncias sociais nas quais as estratégias são escolhidas é que determinam a escolha.

É importante frisar quanto maior o risco de perda da imagem, menor a vontade de se cometer um ato ameaçador.

#### **4. Análise**

A seguir serão analisados, à luz da noção de face, de Goffman (1980) e da Teria da Polidez, de Brown e Levinson (1987), fragmentos de uma entrevista realizada com Edson Arantes do Nascimento

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

(Pelé), intitulada “É bom ser exemplo” e publicada nas páginas amarelas da revista *Veja* do dia 04 de março de 2009. Nela é observado como se dá a interação entre entrevistador e entrevistado, verificando como acontecem os atos de ameaça às faces positiva e negativa na relação entrevistador-entrevistado e quais estratégias de polidez eles utilizam para salvar e preservar as suas faces.

### **Fragmento 1**

#### **Entrevistador – O senhor continua solteiro?**

Edson Arantes – Sim, e não estou procurando namorada. Vai aparecer naturalmente e todo o mundo vai saber, como soube quando comecei a namorar a Xuxa. Todo mundo soube quando me casei e quando decidi me separar da Assíria, que é um pouco radical com a religião evangélica. Ela levava os pastores para casa, mas eu não podia levar os meus amigos católicos. Em catorze anos de casamento, só pude receber os meus amigos em casa duas vezes.

Neste fragmento o entrevistador elabora uma pergunta de cunho pessoal e invade a intimidade do entrevistado. Sem utilizar nenhuma estratégia de polidez, ameaça diretamente a face negativa do outro. Este, por sua vez, a fim de atenuar tal ameaça elabora sua face positiva se justificando e afirmando o seu compromisso como pessoa pública, ao dizer que se acontecer algum envolvimento com outra pessoa “todo mundo vai saber”.

Além disso, no final da entrevista, Edson Arantes (Pelé), busca o envolvimento do entrevistador e, também do leitor, ao se colocar como “vítima” da relação com sua ex-mulher, Assíria. Essa busca pelo envolvimento do outro é uma estratégia de construção da face positiva, já que a percepção do leitor é fundamental na elaboração da face.

### **Fragmento 2**

#### **Entrevistador – O senhor acha que os brasileiros não lhe dão o devido valor?**

Edson Arantes – O brasileiro me ama, me adora. Agora, culturalmente, tem cisma com quem faz sucesso. De vez em quando, tem algum jornalista que inventa algo contra o Pelé. Como sou o Edson, amigo do Pelé desde criança, não ligo. [...]

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

Com esta pergunta o entrevistador exalta a face positiva do entrevistado, ao implicitar que ele deveria ser mais valorizado. O entrevistado, aproveita a oportunidade, para construir sua face positiva: afirma ser adorado pelo povo brasileiro e diz, para justificar as especulações que surgem na mídia, que “de vez em quando, tem algum jornalista que inventa algo contra”. Desse modo, todas as especulações negativas a seu respeito são inventadas pela mídia.

### *5. Considerações finais*

Foi possível observar, através das análises, que existe uma preocupação com o lado social da interação, pois os interactantes estão, a todo o momento, buscando negociar durante a conversação.

Diante de tudo que foi explicitado, pode-se afirmar que as entrevistas, geralmente, apresentam um equilíbrio muito frágil: o entrevistador está a todo o momento ameaçando a face do entrevistado. Para atenuar tais ameaças, o entrevistado utiliza estratégias linguísticas de construção de face e, algumas vezes, ameaça a face do entrevistador a fim de preservar sua própria face.

### REFERÊNCIAS

BROWN, Penélope; LEVINSON, Stephen C. *Politeness some universals in language usage*. London: Cambridge, 1987.

NASCIMENTO, Edson Arantes do. É bom ser exemplo. *Revista Veja*. Edição 2102, ano 42, nº 9. Editora Abril, p. 17, 04 de março de 2009. Entrevista concedida à Sandra Brasil.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais na interação social. **In:** FIGUEIRA, Sérgio Augusto (org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Entrevista: uma conversa controlada. **In:** DIONISIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Raquel e

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

\_\_\_\_\_. Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

PRETI, Dino (org.). *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. Projetos Paralelos – NURC/SP. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

TAVARES, Roseanne Rocha. *A negociação da imagem na pragmática: por uma visão sociointeracionista da linguagem*. Maceió. EDUFAL, 2007.